

IMPROVISO N. DO ²⁷/₆ PRESIDENTE SAMORA

O discurso proferido pelo Presidente Samora na inauguração da Sede Nacional da FRELIMO foi o seguinte:

Estamos aqui para abrir a Sede da FRELIMO, a Sede Nacional da Frente de Libertação de Moçambique.

A Sede da FRELIMO foi definido que seria em Maputo ex-Lourenço Marques, em 1962 quando criámos a FRELIMO. Com a abertura, hoje, da Sede da FRELIMO, da Sede do

povo moçambicano, significa consolidação, significa materialização dos princípios e anseios do nosso povo.

A abertura da Sede da FRELIMO significa para nós a continuação da luta contra os vestígios, contra os resíduos, contra as mentalidades inculcadas pelo colonial-capitalismo. Com a abertura da Sede da FRELIMO hoje, cimentamos cada vez mais a unidade entre o nosso povo

de Rovuma ao Maputo; a unidade entre os homens e as mulheres; entre crianças e velhos; entre os homens de todas as raças, de todas as cores, que lutam pela justiça, lutam pela emancipação do Homem, lutam pela emancipação económica dos países e dos povos. Significa, para nós, consolidação da base, base retaguarda para outros povos que continuam ainda dominados pelo colonialismo.

É através do trabalho quotidiano nesta Sede que materializaremos e sintetizaremos as experiências adquiridas durante dez anos de luta armada.

Ao abrirmos a sede da FRELIMO queremos efectivar, queremos que, realmente, através das estruturas políticas o povo exerça o seu poder.

Ao abrirmos a Sede da FRELIMO, hoje, queremos estabelecer a ligação estreita, a ligação íntima entre a direcção e a base, base e a direcção, povo, militantes, combatentes, jovens, velhos e todos os que compõem o nosso povo.

Ao abrirmos a Sede da FRELIMO queremos realmente abandonar os métodos administrativos e soluções administrativas para os problemas políticos; queremos que os problemas políticos sejam solucionados politicamente.

Ao abrirmos a Sede da FRELIMO queremos que a política esteja no posto de comando, queremos que a FRELIMO controle o aparelho de Estado. Assim, estamos a alargar a estrada através da qual o povo canalizará as suas ideias para a direcção máxima da FRELIMO.

Queremos permitir que todos possamos ter conhecimentos profundos, completos, da existência dos problemas a partir do Rovuma ao Maputo

de Tete ao Oceano Índico.

Queremos resolver o desenvolvimento desequilibrado que existe no nosso povo ao nível de consciência, ao nível económico, ao nível cultural e, queremos fazer da nossa cultura uma cultura nacional, não cultura tribal nem regional. E queremos que haja um avanço, um avanço harmonioso, um avanço organizado, um avanço programado, um avanço planificado no nosso país, avanço mental, crescimento de espírito e conhecimento profundo de relações entre nós.

É com a abertura da sede que nós estabeleceremos o exercício do poder operário-camponês ao nível do aparelho de Estado.

É assim que organizaremos o nosso povo. É assim que faremos crescer o nosso povo. É assim que criaremos felicidade para o nosso povo. É assim que tornaremos o nosso país próspero e forte, acabando com a fome, a miséria e a nudez.

É através das estruturas políticas, é através da sede da FRELIMO que todos, a partir de agora, terão que canalizar os seus problemas à Sede Nacional da FRELIMO.

Organizaremos a vida social e a vida económica do povo ao nível das cidades. Cada residência terá uma célula do Partido, cada habitante será elemento dinâmico difusor da linha política da FRELIMO.

Cada um de nós terá que se transformar em jardineiro para desinfestar constantemente os parasitas que tentam constantemente destruir o nosso viveiro que são os continuadores, aqueles que tentam constantemente alie-

nar a nossa juventude.

Há alguns jardineiros cuja

(Continua na página 10)

IMPROVISO DO PRESIDENTE SAMORA

(NOMEJINV VNISYJ VO GOVNRNINO)

preocupação é andar a apanhar parasitas e introduzir no jardim, para os parasitas devorarem as plantas seleccionadas.

É com a abertura da sede do Partido que eliminaremos, sobretudo, o boato e a intriga que vivem nas mentalidades do povo. É através do Partido, é através das estruturas políticas, que nós eliminaremos a desconfiança, porque é a desconfiança que abre portas e janelas para o inimigo penetrar e destruir o nosso povo.

A primeira tarefa que queremos dar a todas as províncias hoje, a apresentar à sede da FRELIMO, até dia 20 de

Julho, é a mudança dos nomes das ruas, das avenidas, e das capitais. Já não faz sentido na capital de Moçambique, Maputo, encontrar-se a Praça «senhor» Mouzinho de Albuquerque. Eu vou sugerir, como militante número um e soldado número um da FRELIMO, vou sugerir que a praça Mouzinho de Albuquerque passe a chamar-se Praça da Independência.

A grande avenida, aqui na nossa cidade de Maputo, a Avenida Pinheiro Chagas, passa hoje a chamar-se Avenida Eduardo Mondlane.

A Avenida António Enes passa a chamar-se, a partir de hoje, Avenida Julius Nyerere.

Nossa Senhora da Fátima nunca desceu em Moçambique. Diz-se que esteve em Fátima e cá nunca apareceu. A partir de hoje a Avenida Nossa Senhora de Fátima passa a chamar-se Avenida Kenneth Kaunda.

A Avenida da República, (não era a República de Moçambique era a República portuguesa), passa a chamar-se à Avenida da República Avenida 25 de Setembro.

Agora queremos encarregar aos militantes a mudança dos nomes de todas as escolas de Moçambique, avenidas, ruas, bairros, tudo aquilo que reflectia o colonialismo, o poder colonial, para passar a reflectir o poder popular. Gosta-

riamos que as opiniões viessem até 20 de Julho para podermos anunciar no dia 24 que é o dia das Nacionalizações.

Mas a abertura da sede da FRELIMO é essencialmente para liquidar a desconfiança no nosso seio, liquidar o boato, liquidar a intriga.

Com a abertura da sede é para liquidar a intranquilidade e insegurança que existem no seio do povo.

Essa intranquilidade é provocada pela reacção, é provocada pelos inimigos da nossa independência, provocada pelos agitadores, aqueles que serviram fielmente o colonialismo de Marcelo Caetano. São os mesmos que hoje, em Portugal, procuram criar más relações entre Moçambique e Portugal. Mas nós dizemos, como dissemos sempre, que somos amigos incondicionais, somos aliados do povo português. Nós apoiamos a luta justa do povo português que sofreu, o fascismo como nós sofremos o colonialismo. Por isso há todos aqueles que lançam boatos em Moçambique. Sabemos que a reacção hoje utiliza o racismo, e utiliza os mesmos elementos que foram utilizados pelo colonialismo, que ontem eram muito assimilados, eram servidores, eram escravos do colonialismo. Hoje, que somos independentes, são os grandes racistas, são os mesmos que prendiam, que desprezavam o povo que quando vêem um branco a passar dizem que é colono.

São os mesmos reacccionários, aqueles que estão em Portugal, são os mesmos que estão aqui, que agitam o povo moçambicano utilizando a bandeira da República Popular de Moçambique, utilizando a bandeira da FRELIMO, para estabelecer a luta racial.

Nós rejeitamos a estratégia do inimigo em Moçambique. Aprenderam com o colonialismo os métodos de dividir o povo, aprenderam com o colonialismo a maneira de agitar e seleccionar o boato, que pega más rapidamente.

Nós somos pela luta contra o racismo. É por isso que condenamos os sul-africanos, é por isso que condenamos energeticamente Ian Smith — o tabaqueiro da Rodésia.

Por isso a tarefa essencial é detectarmos todos os agitadores, todos os boateiros, todos os intrigistas.

É para podermos acelerar, com vigor e com firmeza, a luta de classes que se agudiza em Moçambique. Para lutarmos firmemente contra o capitalismo.